



O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO EM GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES BASEADA NO USO: A PROPÓSITO DAS CONSTRUÇÕES CLIVADAS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

ON TREATING VARIATION IN USAGE-BASED CONSTRUCTION GRAMMAR: THE CASE OF CLEFT CONSTRUCTIONS IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Diego Leite de Oliveira¹

RESUMO

O artigo reflete sobre o tratamento da variação em Gramática de Construções Baseada no Uso, considerando a proposta de Cappelle (2006, 2009), que sugere o uso do conceito de aloconstrução, em analogia aos conceitos estruturalistas de alofone e alomorfe. O ponto central do trabalho é discutir em que medida uma proposta de aloconstrução associada ao modelo de categorização por exemplares (PIERREHUMBERT, 2001, BYBEE, 2010, 2013) pode contribuir para a identificação do espaço da variação na representação do conhecimento linguístico na forma de uma rede de construções. Para isso, toma-se como base para discussão o estudo da alternância no uso dos padrões de clivagem do tipo SER X QUE Y, X SER QUE Y e X QUE Y, a partir de instâncias reais de uso da língua e em diálogo com pesquisas anteriores de Braga (2009), Braga et al. (2013) e Vieira et al. (2015). Conclui-se, portanto, que, em um modelo de redes, as construções em pauta poderiam ser interpretadas como aloconstruções que não seriam descartadas da representação do indivíduo, pelo contrário, seriam armazenadas como nuvens de exemplares de cada categoria de clivadas de modo gradiente, o que poderia contribuir para explicar o grau de intercambialidade proporcionado em determinados contextos.

PALAVRAS-CHAVE: Variação; Gramática de Construções Baseada no Uso; Aloconstrução; Construções clivadas.

¹ Doutor em Linguística, UFRJ. Departamento de Letras Orientais e Eslavas. Membro permanente do PPG-Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e-mail: diegooliveira@letras.ufrj.br.



ABSTRACT

The article aims at thinking on the approach to language variation in Usage-Based Construction Grammar, taking as a basis the proposal of Cappelle (2006, 2009), who posits the concept of allostruction, in analogy to the structuralist concepts allophone and allomorph. The main purpose of this work is to discuss in which extent the proposal of allostruction associated to exemplar model of categorization (PIERREBUMBERT, 2001, BYBEE, 2010, 2013) may contribute to the identification of the place of variation in the representation of linguistic knowledge as a constructional network. Therefore, the alternation in the use of cleft constructions SER X QUE Y, X SER QUE Y and X QUE Y in Brazilian Portuguese is taken as the basis for discussion, assuming real instances of language use in a dialog with previous work of Braga (2009), Braga and colleagues (2013), and Braga and colleagues (2015). It is concluded that in a network model, the constructions in question could be interpreted as allostructions that would not be discarded from the representation of the individual, on the contrary, they would be stored as clouds of specimens of each category of gradient cleavage. which could help to explain the degree of interchangeability provided in certain contexts.

KEYWORDS: Variation; Usage-Based Construction Grammar; Allostruction; Cleft Constructions

1. Introdução

Ainda que a Gramática de Construções Baseada no Uso (doravante GCBU)² como um modelo de arquitetura gramatical incorpore a premissa de que a gradiência e a variação são propriedades inerentes ao sistema linguístico, poucos são os trabalhos que se debruçam especificamente sobre essas propriedades, considerando fenômenos variáveis e gradientes concretos, em um modelo de redes que represente o conhecimento linguístico do falante. Nesse sentido, uma questão que permanece aberta em GCBU pode ser formulada da seguinte maneira: como considerar o conhecimento dos falantes de línguas naturais acerca do caráter variável e gradiente de suas respectivas línguas? Este trabalho visa a apresentar uma reflexão inicial sobre o tratamento da variação em GCBU e, para isso, debruça-se sobre um grupo de construções clivadas do português brasileiro.

O artigo se divide em quatro partes. A primeira consiste nesta introdução. A segunda apresenta uma reflexão acerca da acomodação da variação em um modelo construcionista, discutindo a proposta de Cappelle (2006, 2009) para o tratamento da variação em GCBU, que se apoia no conceito de aloconstrução e aqui é combinada com o modelo de categorização por exemplares (PIERREHUMBERT, 2001; BYBEE, 2006, 2010), associação que consideramos benéfica para o estudo da variação em GCBU. A terceira parte do artigo fornece uma breve

² Neste trabalho utilizarei o termo Gramática de Construções como um termo geral, que abarca as mais diversas concepções de vertente construcionista, incluindo as versões formalistas e as versões baseada no uso, e o termo Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), para dar conta do modelo específico que considera que o conhecimento linguístico do falante emerge da associação de habilidades cognitivas de domínio geral à experiência que os falantes têm com o uso da língua.

análise da família de construções clivadas canônicas, alinhada às descobertas de Braga (2009), Braga et al. (2013) e Vieira et al. (2015), com exemplos extraídos da Amostra Censo 80, organizada pelo Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), e do Corpus do Português (DAVIES, 2004). Além disso, apresentamos uma discussão sobre como a variação no uso das construções clivadas em pauta pode ser compreendida no âmbito da GCBU, a partir do conceito de aloconstrução e do modelo de exemplares. O principal objetivo é encontrar um compromisso para o desenvolvimento futuro de trabalhos empíricos que deem conta de representar a variação no modelo de arquitetura gramatical construcionista, considerando a língua como um sistema adaptativo complexo, no qual a variação e a gradiência consistem em propriedades basilares. Por fim, a quarta parte apresenta algumas breves considerações acerca do tema.

2. Não sinonímia, variação e aloconstruções em uma abordagem construcionista

Em uma perspectiva funcionalista, a língua enquanto um sistema de representação do modo como um falante interpreta a realidade assume a mesma função que um diagrama, assim como mapas e partituras. Essa concepção prevê que seja mais aceitável utilizar a mesma forma para representar pontos distintos na realidade do que utilizar formas diversificadas para representar exatamente o mesmo ponto. Segundo Haiman (1985), em um mapa geopolítico, por exemplo, é possível representar uma gama inteira de países, utilizando apenas quatro cores, e mesmo assim evitar problemas de compreensão. Logo, se considerarmos a língua, chegaremos à conclusão a que o estudioso em pauta também chega, qual seja, a de que muito provavelmente aspectos como homonímia e polissemia – na medida em que consistem no uso de uma mesma unidade de superfície para a representação de significados distintos – são bem mais comuns e econômicos na língua do que a sinonímia perfeita, quando formas diferentes são utilizadas para expressar exatamente o mesmo significado.

Esse tipo de raciocínio pode ser observado em trabalhos no campo da Gramática de Construções (cf. GOLDBERG, 1995, 2006, PEREK, 2015, PEREK; GOLDBERG, 2015), em que o princípio da não-sinonímia – de acordo com o qual diferenças de forma implicam diferenças semânticas e/ou pragmáticas – consiste em uma das premissas básicas para a organização da língua na forma de uma rede de construções, compreendidas como pareamentos de forma e significado. A título de exemplo, podemos entrever esse tipo de pensamento na discussão de Perek; Goldberg (2015) a respeito dos experimentos de Wonnacott et. al. (2008, *apud* PEREK; GOLDBERG, 2015, p. 109), que demonstram que propriedades estatísticas de uma língua como um todo contribuem para determinar o uso de palavras individuais. Para Goldberg e Perek, mesmo quando duas ou mais construções não diferem em termos de condições de verdade, elas envolvem algum tipo de distinção que pode variar desde a organização da cena, passando por questões como estrutura da informação, registro ou dialeto.

A discussão travada por Perek; Goldberg (2015) e retomada em vários trabalhos recentes

em Gramática de Construções, tanto no exterior (HILPERT, 2014; DIESSEL, 2015) como no Brasil (BRAGA et al., 2013; VIEIRA et al., 2015), reforça o princípio da não-sinonímia, construído com base em uma concepção isomórfica de língua, travando um dilema sobre qual é o espaço da variação no modelo construcionista, já que em alguns momentos essa abordagem parece não lançar o foco devido à sistematização teórica de uma premissa básica dos estudos em Modelos Baseados no Uso, a saber, a de que gradiência e variação são propriedades inerentes ao sistema linguístico (cf. BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2010) e, como salienta Cappelle (2006, p. 1), parece não atribuir o devido espaço a “alternâncias regulares entre dois padrões de superfície³”.

Isso se dá possivelmente por conta da concepção de significado atribuída à construção como unidade básica em termos gramaticais, fornecida pela Gramática de Construções, e graças a qual, na concepção de Goldberg (2006, p. 18), consegue-se dar conta do conhecimento gramatical do falante como um todo. De acordo com as principais versões da GCBU, uma construção pode apresentar, em seu polo formal, informações de cunho fonológico, morfológico ou sintático, ao passo que, no polo do significado, são comuns informações do tipo semântico, pragmático e/ou discursivo funcional (cf. CROFT, 2001, p. 18). Segundo essa concepção, diferenças de forma parecem acarretar obrigatoriamente a vinculação a significados (num sentido amplo) distintos (cf. BERGS; DIEWALD, 2008, p. 6).

Essa noção de significado – como contendo aspectos de níveis de análise tratados tradicionalmente como separados – toca algumas discussões já travadas anteriormente no campo da Sociolinguística Variacionista, tal como explicitado por Jakobson (1989):

[...] o jeito mais óbvio de definir a variação sintática é dizer que ela envolve a existência de duas ou mais construções que diferem na forma, mas compartilham o mesmo significado. Os linguistas discordam, no entanto, em relação ao tipo ou tipos de significado compartilhados. Podemos, por exemplo, defender que as variantes sintáticas não deveriam ter somente o mesmo significado cognitivo, mas também o mesmo significado estilístico, conotativo e afetivo, assim como o mesmo significado pragmático, particularmente na forma de uma intenção comunicativa. [...] A abordagem mais comum para a constante de significado, no entanto, é a que se refere ao significado cognitivo, ou seja, de que as proposições em questão devem ter o mesmo valor de verdade, independentemente de qual variante sintática é usada. Recentemente, Suzanne Romaine (1984) tem argumentado em favor de uma terceira alternativa, qual seja, a de que o significado pragmático deve ser constante na variação sintática.⁴ (JACOBSON, 1989, p. 382)

3 No original: “regular alternations between two surface patterns”.

4 No original: [...] the most obvious way to define syntactic variation is to say that it involves the availability of two or more constructions that differ in form but share the same meaning. Linguists disagree, however, as to the type or types of shared meaning. We can, for example, claim that syntactic variants should have not only the same cognitive meaning but also the same stylistic, connotative, and affective meaning, as well as the same pragmatic meaning, particularly in the form of communicative intent. [...] The most common approach to the meaning constant, however, is that it only has to comprise

A observação de Jacobson sobre a caracterização do espaço da variação no âmbito da Sociolinguística é interessante, porque discute a concepção própria da natureza do significado na língua, quando do estudo da variação, assim como a opção metodológica do pesquisador acerca de qual significado deve ser considerado constante, diante da análise de fenômenos tidos como variáveis. Se significado for considerado todo o escopo de sentido que abrange desde noções conceituais até propriedades pragmáticas e discursivo-funcionais, de fato haverá pouco espaço para a variação sintática nas línguas do mundo, o que em tese parece contraintuitivo e paradoxal, porque os falantes de línguas naturais são capazes de identificar similaridades e equivalências entre estruturas que exibem formas diferentes, ou seja, formas alternativas que a língua fornece para explicitar o mesmo conteúdo referencial, ainda que a escolha por uma forma ou outra seja regida por fatores de ordem diversificada sem ser, em absoluto, puramente aleatória.

De acordo com Hilpert (2014), a variação linguística só muito recentemente foi inserida na agenda de estudos da Gramática de Construções, com um pouco de atraso em relação aos esforços que já vinham sendo feitos desde a década de 60 nos estudos em Sociolinguística Variacionista, iniciados por Weinreich; Labov; Herzog (1968) e outros, que buscavam compreender e organizar a variação no sistema da língua. No entanto, diferentemente da Sociolinguística Variacionista, a GC se debruça especificamente sobre o conhecimento linguístico do falante, ou, nas palavras de Hilpert (2014, p. 187), se debruça sobre “o que um falante conhece quando ele sabe uma língua”⁵. Dessa forma, o desafio que se coloca em GCBU não se refere exatamente a reconhecer a variação como uma propriedade inerente ao sistema linguístico – o que parece ser ponto pacífico entre as abordagens construcionistas baseadas no uso – mas a como modelar a variação em uma concepção de língua organizada na forma de uma rede de construções altamente estruturada, que constitui o conhecimento do falante acerca do funcionamento de sua língua. Em suma, cabe ainda identificar de modo mais preciso, com base em Bergs; Diewald (2008), o status teórico e cognitivo das variantes linguísticas em GC, apesar dos grandes avanços na descrição estatística das variantes.

Nessa empreitada, o trabalho de Bert Cappelle (2006, 2009) parece fornecer uma alternativa viável, ainda que em algum sentido controversa. Diante do estudo da alternância da colocação de partículas verbais em inglês (do tipo *pick up the book vs pick the book up*), Cappelle contrapõe duas perspectivas distintas sobre o fenômeno, a saber, a formal, encabeçada pelo trabalho de Dehe (2002, *apud* Cappelle 2006), e a construcionista, capitaneada por Stefan Gries (2003). Diametralmente opostas, tanto a proposta formal como a construcionista desagradam o estudioso, por desconsiderarem o grau de variação entre os dois padrões linguísticos. A proposta formal citada sugere que a forma descontínua (VERBO + SN + PARTÍCULA) seja derivada

cognitive meaning, i.e., that the propositions in question must have the same truth value regardless of which syntactic variant is used.

5 What the speaker knows, when he knows a language.

da forma contínua (VERBO + PARTÍCULA + SN), com base em argumentos formais. Já a proposta construcionista de Gries não agrada Cappelle, porque sugere a interpretação de que os padrões contínuo e descontínuo podem ser tidos como construções em seus próprios termos, desconsiderando a possível alternância entre os padrões, o que na opinião de Cappelle consiste em um construcionalismo extremado (CAPPELLE 2006, p. 11)⁶.

Partindo de uma perspectiva construcionista menos radical, segundo o autor, Cappelle (2006) sugere que a alternância na posição da partícula verbal em inglês deva ser tratada como um fenômeno variável e, para isso, propõe o uso do conceito de aloconstrução (em inglês, *allostruction*), em analogia aos conceitos estruturalistas de alofone e alomorfe, da fonologia e da morfologia, respectivamente. Na concepção de Cappelle (2006, 2009) têm-se aloconstruções quando se observam duas manifestações formalmente distintas e semanticamente equivalentes (em termos de condições de verdade) de uma mesma construção mais abstrata.

Pelo viés da morfologia, o mesmo morfema pode apresentar realizações concretas diferentes como, por exemplo, o prefixo de negação “i-”, em ilegal, e “in-”, em infeliz. Tratam-se de formas distintas para expressar o mesmo significado de negação, representado no âmbito de um mesmo morfema. Em alguns casos, tal alomorfia pode ser determinada por aspectos estruturais, como nos exemplos acima, em que geralmente se tem [in] antes de vogal, ao passo que [i] tende a ocorrer antes de [l], [r], [m] e [n] (cf. PETTER, 2011, p. 64). No entanto, há casos em que essa alomorfia não apresenta condicionamento estrutural, quando, por exemplo, sufixos diferentes para marcar o mesmo significado podem ser usados com a mesma base – o caso de “-inha” e “-zinha” em algumas palavras do português brasileiro, a saber em colherinha (que retorna 181.000 resultados no Google) e colherzinha (que retorna 526.000 resultados na mesma plataforma de busca). Nesse caso, cabe ao estudioso identificar condicionantes de outra natureza, que motivem a opção por uma ou outra variante.

Em sintaxe, algo similar já foi descrito por Daneš (1966), e retomado por Lambrecht (1994, p. 6), ao utilizarem o conceito de alosentenças (*allo-sentences*), termo que se refere a conjuntos de sentenças semanticamente equivalentes, mas que apresentam diferenças em termos formais e pragmáticos. Ao estudar a estrutura da informação, Lambrecht salienta que diferenças informacionais são sempre entendidas como contrastes entre alosentenças. Portanto, identificadas as diferenças de forma e a similaridade semântica entre as construções estudadas, o linguista construcionista deve descrever as demais distinções em termos pragmáticos, que permitam compreender o status de cada uma dessas construções no arcabouço de conhecimentos do falante acerca da gramática de sua língua.

O termo aloconstrução, portanto, retoma o raciocínio exposto por Daneš (1966) e Lambrecht (1994), interpretado sob uma ótica construcionista consolidada de modo que, na proposta de Cappelle (2006, 2009), aloconstruções podem ser interpretadas mais especificamente

6 No original: *extreme constructionalism*.

como manifestações formais distintas que apresentam semântica equivalente, mas que podem exibir aspectos pragmáticos diversos, no âmbito de uma mesma construção. Nesse sentido, considerando-se o fenômeno supracitado da variação na posição da partícula verbal em inglês, o autor sugere o seguinte esquema representativo do lugar das aloconstruções na representação em rede.

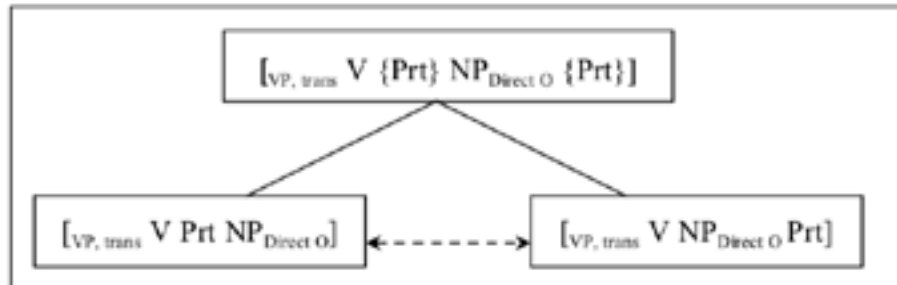


Figura 1. Construção transitiva verbo-partícula e suas aloconstruções. FONTE: CAPPELLE, 2006, p. 18

Segundo Cappelle, a representação na figura 1 sugere que duas aloconstruções do padrão transitivo verbo-partícula não estão relacionadas por meio de regras derivacionais, mas sim por meio de uma categoria superior comum, uma construção. Uma das aloconstruções considera o padrão contínuo, em que a partícula segue imediatamente o verbo e a outra considera o padrão descontínuo, intercalado por um SN que funciona como objeto direto. O fato de que dois padrões inferiores na rede são formas distintas de uma mesma coisa consiste no conhecimento linguístico que os falantes de inglês aprendem com base na variação sistemática na língua que eles costumam ouvir a sua volta. Portanto, na concepção do estudioso, a alternância de ordem em si é um dos padrões presentes na mente dos falantes de língua inglesa.

A proposta de Cappelle pode suscitar discussões. No caso da alternância na posição da partícula verbal em inglês, Gries (2003) defende que há diferenças suficientes entre os dois padrões que justificam postular que eles consistem em construções distintas. Por outro lado, essas diferenças não se aplicam a cada exemplo e em todos os contextos de uso, de modo que há um espaço de variação motivado por fatores de ordem diversificada, sobre o qual o usuário da língua tem conhecimento em maior ou menor grau. Como a Gramática de Construções se coloca como um modelo de arquitetura gramatical que descreve o conhecimento linguístico do falante, é necessário que ela busque dar conta de representar o conhecimento do falante acerca da variação no sistema linguístico.

Tomando-se mais especificamente os modelos construcionistas baseados no uso, a língua é compreendida como um sistema adaptativo complexo (cf. BEHREN, et. al 2009, BYBEE, 2010) e, portanto, a variação deve ser considerada na representação do conhecimento linguístico subjacente do falante, pois ela está relacionada à capacidade adaptativa do sistema. Assim, é necessária uma proposta que dê conta de mapear a dimensão da variação no sistema linguístico e, nesse sentido, a sugestão de Cappelle pode ser uma solução viável.

Por outro lado, essa proposta evoca uma analogia a conceitos de uma concepção

estruturalista, que originalmente desconsidera a relação estreita entre o uso da língua e a gramática como a representação cognitiva da experiência com aquele uso. No caso da fonologia e da morfologia, os conceitos de alofone e alomorfe foram cunhados no âmbito de uma perspectiva que desvincula o geral do específico, em que a descrição do primeiro elemento é privilegiada sobre o segundo. Nessa perspectiva, em termos de representação do conhecimento linguístico do falante, as aloconstruções seriam descartadas da representação e não armazenadas de forma redundante como conhecimento linguístico subjacente. Portanto, uma questão que se coloca é como dar conta da variação, através do conceito de aloconstrução, sem evocar uma perspectiva que desvincule a construção de suas instâncias concretas de realização.

Uma resposta para isso repousa no modelo de exemplares (JOHNSON, 1996, PIERREHUMBERT, 2000, BYBEE, 2006, 2010), de acordo com o qual, a experiência do falante e o uso da língua estão intimamente ligados à organização do conhecimento linguístico enquanto representação cognitiva. Para Bybee (2010), dados da experiência linguística são categorizados e combinados com dados similares de experiência, armazenados anteriormente como exemplares. Assim, na concepção da autora, um exemplar é construído a partir do conjunto de dados que são considerados o mesmo em alguma dimensão. Além disso, em um modelo de exemplares as relações entre os exemplares ocorrem através de links associativos, que podem incluir propriedades formais e funcionais. Quando os usuários da língua experienciam instâncias específicas de construções, eles mapeiam dados similares uns nos outros para estabelecerem exemplares, os quais se agrupam de modo a formar categorias (BYBEE, 2010, p. 26). Com isso, o significado das construções é representado por um conjunto de exemplares, através da avaliação do significado dos itens lexicais usados na construção, mais o significado total que inclui o contexto.

Aqui, cabe ressaltar que as categorias não são estanques, mas sim, pela própria natureza dos exemplares, gradientes. Se uma categoria é gradiente, supomos que as fronteiras entre construções distintas não são discretas e podem, em alguma medida a depender da construção, permitir certa neutralização de diferenças entre exemplares que ocorrem em determinados contextos, porque tais diferenças podem não ser totalmente claras, permitindo alguma intercambialidade entre construções. Em outras palavras, quando construções de formas diferentes em alguns contextos de uso específicos neutralizam aspectos semânticos e ou pragmáticos distintivos, elas podem ser armazenadas próximo uma da outra em escala gradiente. Aqui, devemos citar a distinção que Aarts (2007) faz entre dois tipos de gradiência: aquela que se observa dentro de uma mesma categoria, intitulada pelo estudioso como *gradiência intrasectiva* (intracategorial), pois nem todos os membros de uma categoria assumem o mesmo grau de representatividade daquela categoria; e a gradiência que ocorre entre categorias, ou *gradiência intersectiva* (intercategorial), pois as categorias podem não apresentar fronteiras bem definidas entre si, de modo que os membros periféricos de uma categoria podem se confundir com os membros periféricos de outra categoria. Parece ser o caso, quando se observam as construções clivadas

em seus contextos de uso, tal como veremos na próxima seção deste artigo.

Para resumir, se a proposta de Cappelle – referente ao tratamento de padrões construcionais alternantes como aloconstruções – for aliada a uma concepção de categorização por exemplares, talvez possamos dar conta da representação da variação no conhecimento linguístico subjacente em GCBU. No caso em questão, trata-se de aliar a representação abstrata que emerge da comparação entre instâncias reais de uso da língua à armazenagem de exemplares, formados a partir da experiência concreta.

Na próxima seção, caracterizamos as construções clivadas estudadas como construções de foco e discutimos em linhas gerais a alternância no uso de um conjunto de construções clivadas do português brasileiro, buscando entender como a proposta de aloconstruções associada a uma concepção de exemplares pode ser representada na rede de construções da língua.

3. Construções clivadas em português brasileiro

Esta seção se divide em três subseções: na primeira, apresentamos em linhas gerais a concepção de foco adotada neste trabalho e como as construções clivadas do português brasileiro podem ser interpretadas em termos informacionais; em seguida, na segunda subseção, apresentamos uma discussão um pouco mais específica sobre as construções em pauta em contextos de uso diversificados e sua possível intercambialidade, para, finalmente, na terceira subseção, interpretarmos o fenômeno da variação no uso das clivadas à luz de uma perspectiva construcionista que considera aloconstruções e exemplares.

3.1. A categoria de foco em gramática de construções

É lugar comum afirmar que a língua atende às necessidades comunicativas de seus falantes. A todo momento, asseguramos aos nossos interlocutores algum tipo de informação, que em termos proposicionais imaginamos ser ou não compartilhada. Quando essa informação é considerada compartilhada entre falante e ouvinte, é comum observarem-se rótulos como informação ‘dada’, ‘tema’, ‘tópico’ ou ‘pressuposição’, na literatura especializada. Quando a informação a ser transmitida é considerada não compartilhada entre falante e ouvinte, geralmente são utilizados rótulos como informação ‘nova’, ‘rema’, ‘comentário’ ou, ainda, ‘foco’. Esta última classificação merece atenção neste trabalho, uma vez que reside na base do polo do significado das construções clivadas e, para tal, utilizaremos o rótulo ‘foco’ (cf. LAMBRECHT, 2001; BRAGA, 2009; BRAGA et al., 2013 e VIEIRA et al., 2015).

No que diz respeito à categoria de foco, cabe chamar à baila a definição proposta por Knud Lambrecht (1994), a saber, a de que foco é o componente semântico que diferencia asserção e pressuposição em uma sentença pragmaticamente estruturada. Com isso, foco é tratado como uma categoria relacional e só pode ser totalmente compreendido em termos de

estrutura informacional, se observado no âmbito das relações entre pressuposição e asserção, pois, segundo Lambrecht (1994), só se pode falar em informação nova ou velha, quando se está falando sobre proposições. No âmbito das proposições, Lambrecht identifica a pressuposição pragmática, entendida como “o conjunto de proposições léxico-gramaticalmente evocadas numa sentença, que o falante assume que o ouvinte já conhece ou está disposto a assumir como dadas no momento em que a sentença é enunciada⁷” (cf. LAMBRECHT, 1994, p. 52), e a asserção pragmática, que é considerada “a proposição expressa por uma sentença, que se espera que o ouvinte conheça ou assuma como dada em decorrência de ter ouvido a sentença enunciada⁸” (IDEM, p. 52). Assim, foco pode ser caracterizado como a unidade central da asserção.

Nos estudos tipológicos acerca da estrutura de foco (cf. LAMBRECHT; POLINSKY, 1998; LAMBRECHT, 2000; VAN VALIN; LAPOLLA, 1997; VAN VALIN, 1999) é comum identificarem-se três tipos distintos de estrutura nas línguas naturais, a saber, (i) a de foco no predicado, considerada o tipo não marcado, em que parte da sentença identificada como predicado encontra-se sob o escopo da asserção, e apenas um argumento da sentença não se encontra em foco, como apresentado no exemplo (1), (ii) a estrutura de foco argumental, em que apenas um argumento da sentença se encontra sob o escopo da asserção, permanecendo todo o resto da sentença sob o escopo da pressuposição, como demonstra o exemplo (2); e (iii) a estrutura de foco sentencial em que a sentença como um todo se encontra sob o escopo da asserção, como em (3):

(1) João ESCREVEU UM ARTIGO.

(2) JOÃO escreveu um artigo.

(3) CHEGOU O JOÃO.

Em (1), a partir de uma leitura não marcada, o leitor/ouvinte tende a interpretar João como o tópico de relevância, sobre o qual será apresentado algum tipo de informação. Nesse caso o foco incide no evento referido pelo predicado da sentença como um todo. Em (2), uma leitura marcada do exemplo (1), com proeminência prosódica incidindo em JOÃO, o referente do SN JOÃO deixa de ser interpretado como o tópico de relevância para consistir na informação apresentada sobre uma pressuposição codificada pelo predicado *escreveu um artigo*. Assim, uma proposição aberta pressuposta, nos termos de Prince (1986), é evocada e JOÃO passa a atuar como o elemento mais indicado para identificar a variável que carece de identificação na pressuposição aberta do tipo *X escreveu um artigo*. Já em (3) o evento inteiro, incluindo-se o participante, é interpretado como informação nova, carecendo de pressuposição evocada pela

7 No original: The set of propositions lexicogramatically evoked in a sentence which the speaker assumes the hearer already knows or is ready to take for granted at the time the sentence is uttered.

8 The proposition expressed by a sentence which the hearer is expected to know or take for granted as a result or hearing the sentence uttered.

sentença. Dessa forma, a proposição inteira evocada pela sentença é compreendida como focal⁹.

As sentenças clivadas apresentam articulação de foco argumental e no caso de uma sentença clivada clássica, do tipo *it-cleft* do inglês, e que em português passamos a chamar de clivada canônica seguindo a nomenclatura adotada por Braga (2009) Braga et al. (2013) e Vieira et al. (2015), podemos identificar, segundo a proposta de Lambrecht (1994 e 2001), os elementos informacionais, em termos de pressuposição, asserção e foco, tal como ilustrado no exemplo (4) abaixo, extraído da amostra Censo 80 (PEUL):

(4) *É a Sandra que resolve casar.* (Censo 80, falante 45, m)

Pressuposição: X resolve casar.

Asserção: X = a Sandra

Foco: a Sandra.

De acordo com o exemplo (4), é possível dizer que a construção clivada canônica do tipo *É a Sandra que resolve casar* evoca uma proposição aberta pressuposta do tipo *alguém resolve casar* ou *X resolve casar*. Portanto, a asserção funciona como uma espécie de identificador da variável X na proposição aberta, indicando que esse “alguém” ou X pode ser identificado como “a Sandra”. Dentro dessa asserção, o elemento principal, capaz de diferenciar asserção e pressuposição é aquele codificado pelo constituinte “a Sandra”, consistindo, portanto, no foco da sentença.

Na próxima seção, apresentamos e discutimos o conjunto de construções clivadas da família das assim chamadas clivadas, segundo o aspecto de sua intercambialidade, para em seguida fornecermos uma proposta de análise com base nos conceitos de aloconstrução e exemplares.

3.2. Variação e gradiência em construções clivadas do português

Um fenômeno interessante para tratar a variação sintática, em GCBU é a alternância no uso de estruturas de foco do grupo que Braga (2009), Braga et al. (2013) e Vieira et al. (2015) denominam família das clivadas, que têm como propriedade básica a apresentação do elemento focalizado codificado como um constituinte à esquerda de uma palavra QU invariável, manifestada na forma QUE. Essas construções incluem as clivadas propriamente ditas, do tipo SER X QUE Y; a construção do tipo X SER QUE Y e a construção do tipo X QUE Y, conforme ilustrado nos exemplos abaixo, extraídos da amostra Censo 80 (PEUL) e do Corpus do Português (DAVIES, 2004). As sentenças em itálico correspondem às construções clivadas em pauta e os constituintes em caixa alta referem-se aos elementos focalizados na sentença.

⁹ No caso do foco sentencial, Lambrecht 2000 identifica que há estruturas preferidas para a indicação do foco sentencial. Pinheiro (2013), por exemplo, ao investigar a inversão verbo-sujeito no português brasileiro, sugere que a construção de inversão, dentre outras propriedades, funciona como marca de foco sentencial.

- (5) Não só nas letras como na vida nacional, Lobato era a nossa sentinela atenta. *Foi ELE que sempre nos alertou, adultos ou crianças:* — àqueles, ensinando a realidade: a estas, ensinando o sonho.

[Corpus do Português - <http://almanaque.folha.uol.com.br/lobato1.htm>]

- (6) O Orkut, embora não seja mais tão visitado, ainda é uma de as maiores redes sociais do Brasil e do mundo. *ATRAVÉS DELE é que muitas pessoas passaram a usufruir dos sites de relacionamento*, buscando novas amizades e também relacionamentos amorosos.

[Corpus do Português - <http://007blog.net/como-ver-fotos-no-orkut-de-pessoas-que-nao-seus-amigos/>]

- (7) Antigamente, era venda, não era supermercado. *MEU PAI que fazia tudo.* (est) Minha mãe não ia na rua comprar uma verdura.

[PEUL – Censo 80, falante 36, f]

Uma definição de construção clivada sugerida por Lambrecht (2001) e retomada em Braga (2009), Braga et al. (2013) e Vieira et al. (2015) é a de que construções clivadas exibem, por meio de uma estrutura em princípio bioracional, uma proposição simples, que poderia ser expressa na forma de uma única oração. Como já discutido por Braga et al. (2013), no entanto, nem sempre o caráter bioracional será uma propriedade obrigatória desse tipo de construção em português brasileiro, como é possível depreender do exemplo (7), um caso de construção QUE.

Se tomarmos os exemplos apresentados de (5) a (7) e intercambiarmos as construções apresentadas entre si, como nos exemplos (8), (9) e (10) abaixo, não veremos diferenças semânticas e/ou pragmáticas evidentes, ou seja, perceberemos que o uso de uma ou outra estratégia de clivagem não altera o conteúdo proposicional e nem mesmo a estrutura informacional das sentenças em pauta¹⁰.

- (8) *Foi ELE que sempre nos alertou, adultos ou crianças.../ ELE é que sempre nos alertou, adultos ou crianças.../ ELE que sempre nos alertou, adultos ou crianças...*

- (9) *ATRAVÉS DELE é que muitas pessoas passaram a usufruir dos sites de relacionamento.../ Foi ATRAVÉS DELE que muitas pessoas passaram a usufruir dos sites de relacionamento.../ ATRAVÉS DELE que muitas pessoas passaram a usufruir dos sites de relacionamento...*

- (10) *MEU PAI que fazia tudo. / Era MEU PAI que fazia tudo. / MEU PAI é que fazia tudo.*

As análises empreendidas pelos autores brasileiros supracitados acerca das clivadas em português evocam o princípio da não sinonímia e buscam identificar diferenças, ainda que sutis, ou fatores condicionantes do uso dessas construções. Em Braga (2009), a referência ao princípio se dá de forma indireta e breve, a partir de uma nota de rodapé, explicando o uso de termos como variável,

¹⁰ Observam-se, por exemplo, diferenças entre a construção QUE e as demais, em termos de distribuição de ocorrência no contínuo fala-escrita em que a construção mencionada é mais escassa no contexto de língua escrita.

variantes, entre outros, pertinentes à metodologia de análise estatística multifatorial e caros aos estudos em Sociolinguística Variacionista:

O emprego dos termos *variantes*, *variáveis*, *grupo de fatores*, *fatores*, tradicionalmente associado à metodologia da Teoria da Variação, não implica que estejamos defendendo que os tipos de estratégias de focalização possam ser intercambiados livremente no mesmo contexto, isto é, constituam uma variante de uma variável dependente. Os mencionados itens são aqui utilizados por facilidade de redação. (BRAGA, 2009, p. 195-196)

Já Braga et. al. (2013) retomam a investigação das clivadas e ressaltam dessa vez o caráter gradiente e variável dessas construções, questionando em certa medida se seria possível intercambiar livremente as construções em pauta. Porém, a identificação da variabilidade das construções com “diferenças de ordem quantitativa” (Braga et. al. 2013, p. 42) levanta algumas questões, diante da abordagem construcionista goldbergiana de 1995, que os autores não discutem à época, evidenciando a observação de Hilpert (2014) sobre o fato de que o tratamento da variação em GC ainda está ganhando corpo.

Em Vieira et. al. (2015), o comprometimento com o princípio da não-sinonímia é explicitado e os autores sugerem um experimento psicolinguístico de *priming* com reconhecimento de sonda para comprovar que as diferenças na forma dessas construções provocam efeitos relacionados ao tempo de processamento da informação e recuperação do elemento focalizado por essas construções. Por fim, os autores chegam à conclusão de que as diferenças em termos de tempo de processamento de cada construção são estatisticamente relevantes, ajudando a confirmar a hipótese de marcação sugerida por Givón (1995), que postula como critérios de identificação do elemento marcado a complexidade estrutural (em termos de maior quantidade de material linguístico para a expressão de dado significado), a complexidade cognitiva (em termos de processamento) e a frequência de uso. No trabalho, os autores chegam à conclusão de que do ponto de vista cognitivo as clivadas do tipo SER X QUE Y fazem com que o referente focalizado permaneça saliente por mais tempo na memória de trabalho dos indivíduos testados, já que tomam mais tempo para processamento, o que contribui para atestar o maior grau de complexidade cognitiva da construção, que, associado ao maior grau de complexidade estrutural¹¹, permite identificar a construção SER X QU Y como mais marcada em relação às demais (X SER QUE Y e X QUE Y).

O ponto levantado por Vieira et al. (2015) é relevante para confirmar a hipótese da marcação de Givón e sugerir que as clivadas SER X QU Y são marcadas em relação às demais construções em termos de processamento, mas não atesta exatamente a não sinonímia dessas construções. No caso em questão, as construções clivadas estudadas poderiam ser consideradas

¹¹ Nas clivadas SER X QUE Y, o constituinte, cujo referente está sendo focalizado, encontra-se entre dois elementos com função focalizadora (a cópula e a palavra QUE, entendidas muitas vezes como um morfema descontínuo).

como membros de uma mesma categoria mais ampla, diferindo entre si em termos de maior ou menor centralidade.

Retomando o trabalho de Braga et. (2013), é possível observar um espaço aberto para a “potencial intercambialidade” no uso de construções clivadas, quando os autores mencionam um dado empírico em que o falante parafraseia um conteúdo proposicional, usando construções diferentes do ponto de vista formal. A paráfrase é um recurso comum quando se trata do uso da família de construções clivadas. O exemplo abaixo pode ilustrar esse fenômeno:

- (11) E- (“tá”) ótimo. Então, ó- Leonardo, veja! A gíria, você falou, não é? A gíria- “eu falo palavras que <este->, estão no dicionário, mas que o povo não fala mais, então, ele pensa que é gíria.” O que é gíria para você, então?
F- (Pensando) gíria? Para mim são palavra (hes)- palavras que nego deturpou o significado, (est) não é? Que botaram outra forma nela, um outro significado. (est) *ISSO que é gíria*. Para mim, *é ISSO que é gíria*.
[PEUL – Censo 80, falante 38, m.]

Em (11), percebemos que o falante usa dois tipos de clivada de modo intercambiado. Primeiramente, recorre ao uso de uma clivada QUE, (*isso que é gíria*), para, em seguida, reformular sua fala e rerepresentar a informação na forma de uma clivada canônica (*é isso que é gíria*). Evidentemente, trata-se do mesmo conteúdo proposicional, que poderia ser expresso na forma de uma construção não clivada do tipo *isso é gíria*. No entanto, a estrutura da informação é diferente em cada uma das expressões (clivada e não clivada). Enquanto em uma sentença não clivada, o referente do pronome *isso* seria naturalmente interpretado como tópico, em clivadas como as apresentadas em (11), ocorre uma reconfiguração da estrutura da informação e o referente do pronome *isso* passa a ser interpretado como focal. Além disso, apesar da equivalência entre as duas estratégias de clivagem (X QUE Y e SER X QUE Y) no âmbito da estrutura semântica e em termos de estrutura da informação, parece haver uma diferença de efeito enfático no uso das duas construções clivadas, na medida em que uma é utilizada como um reforço da outra em um contexto de maior subjetividade, indicado pela presença da expressão “para mim”. Por outro lado, se alterássemos a ordem de aparição das construções no exemplo acima (*É ISSO que é gíria*. Para mim, *ISSO que é gíria*.), talvez nossa intuição não conseguisse identificar de pronto qualquer diferença entre a versão original e a versão modificada em termos de ênfase¹².

Ainda que haja nuances pragmáticas, como a ênfase, que distingam contextualmente essas construções, tais distinções parecem se dar em termos de grau, sem ser possível negar alguma sobreposição entre as construções sob análise, quando nos debruçamos objetivamente sobre dados reais de comunicação.

12 Em conversa com falantes de português brasileiro sobre as intuições que eles têm acerca do fenômeno, a opinião expressa por alguns é de que a versão modificada seria mais enfática do que a realmente observada no exemplo (11). (*É isso que é gíria*. X *Para mim, isso que é gíria*. X *Isso que é gíria*. Para mim, *é isso que é gíria*.). Talvez a realização de testes experimentais específicos que considerem a intuição do falante possa dar conta de aferir a diferença entre as construções em termos de ênfase.

3.3. Clivadas canônicas, SER QUE e QUE como aloconstruções da construção clivada.

Em uma perspectiva construcionista, as relações estruturais (posição do constituinte que se refere ao elemento focalizado como em relação à presença da palavra QUE) assim como as relações semântico-pragmáticas (estrutura proposicional e informacional) que esse grupo de construções clivadas mantêm entre si apontam que tais construções apresentam ao menos alguma relação no nível horizontal, nos termos de Diessel (2015, p. 306-309), observada em construções que apresentam o mesmo nível de abstração. Logo, é possível identificar que tais construções podem ao menos ser representadas de forma contígua numa rede, como ilustra a figura abaixo.



Figura 2. Relações horizontais entre construções no mesmo nível de abstração

Se as construções são representadas de forma contígua na rede, indicando que elas mantêm uma relação de forma e de significado, é possível pensar que essa relação de contiguidade não exclui alguma possibilidade de sobreposição entre essas formas.

Em um modelo de exemplares, as categorias são formadas levando-se em consideração a experiência dos indivíduos com dados concretos. Esses dados se organizam na memória por relações de similaridade, considerando a riqueza das informações contextuais. Assim, dados que se parecem entre si são armazenados na memória do falante de forma contígua, ao passo que dados menos similares são armazenados separadamente (cf. PIERREHUMBERT, 2001). Como a similaridade é uma questão de grau, é possível que haja uma zona gradiente em termos de percepção de diferenças entre os dados da experiência. No caso das construções clivadas, talvez fosse o caso de representar as construções da figura acima, tal como na figura abaixo, que ilustra o grau de sobreposição entre as construções:

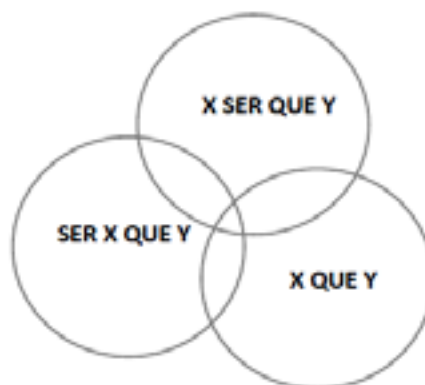


Figura 3. Gradiência na categorização das construções clivadas

A figura 3 indica que, se compreendidas como categorias diferentes, as construções SER X QUE Y, X SER QUE Y e X QUE Y apresentariam alguns exemplares que neutralizariam suas diferenças, dado o seu caráter gradiente, permitindo assim, a identificação do espaço da variação na língua. Caberia ao estudioso, identificar os fatores condicionantes, internos ou externos, do uso de uma forma ou outra.

Por outro lado, do ponto de vista comparativo, os três tipos de construção exemplificados acima compartilham a função focalizadora e podem ser considerados instanciações específicas de um padrão construcional mais abstrato, esquematizado tal como em (12). Aqui observa-se a informação de que a cópula pode ocorrer ou não em posição inicial na sentença, seguida pelo elemento X, que representa o elemento focalizado em uma proposição pragmaticamente estruturada, após o que é possível observar, a depender da instância específica da construção, o uso ou cancelamento da cópula, depois da qual observa-se a presença obrigatória da palavra fixa QUE e do elemento Y, que evoca a pressuposição.

(12) (SER) X (SER) QUE Y

Em uma representação esquemática em rede tendemos a considerar construções mais específicas organizadas taxonomicamente em relação ao padrão construcional mais abstrato representado em (12), tal como apresentado na figura 4 abaixo:

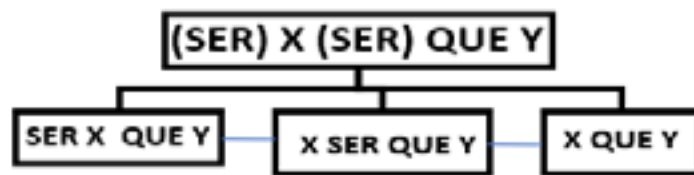


Figura 4. Rede esquemática da família de construções clivadas canônicas

Na rede esquemática apresentada, observamos os seguintes padrões: no nível mais baixo de abstração temos três padrões que mantêm entre si uma relação associativa. Essa relação associativa se dá de forma gradiente, sem excluir a possibilidade de neutralização. No nó mais elevado, pode-se observar um padrão mais geral, que emerge partir das similaridades percebidas entre os padrões mais específicos e da abstração de suas diferenças, e que capta a variação que eles apresentam.

Pela perspectiva adotada neste trabalho, pode-se entender cada nó na rede como um padrão construcional específico, que se realiza na língua atrelado a propriedades retóricas, estilísticas, de modalidade, etc. No entanto, deve-se salientar que esses padrões não consistem em unidades estanques, mas sim gradientes, abstraídas com base em exemplares, advindos da experiência direta com o uso, garantindo a possibilidade da variação. Considerando-se uma perspectiva de exemplares, segue uma forma alternativa de representação das construções na rede.

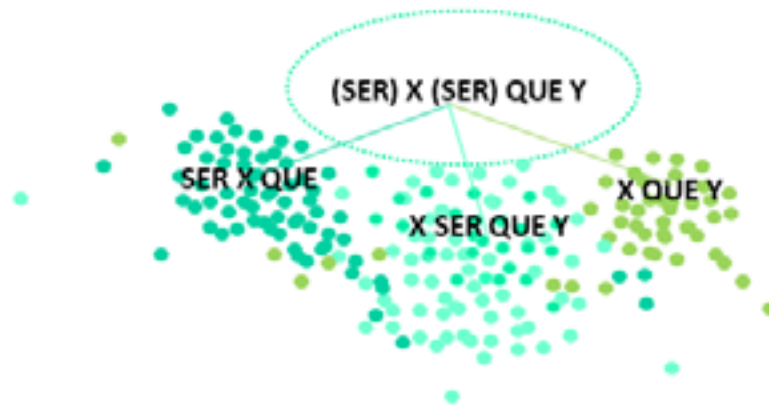


Figura 5. Representação de exemplares das construções clivadas canônicas

A postulação de níveis mais abaixo na rede é interessante, pois permite a associação dos padrões de abstração de forma mais direta com o uso da língua, assegurando que exemplares específicos sejam armazenados e garantindo a emergência do padrão abstrato em si. A postulação do nível abstrato mais acima na rede é importante, porém por outro motivo: além de indicar que os falantes capturam propriedades das construções, rastreando similaridades e diferenças entre elas – o que em si garante a realidade psicológica do modelo – dá conta da criatividade linguística, pois assegura que os falantes possam construir padrões novos com base em um padrão abstrato pré-existente, como é possível observar nos exemplos abaixo:

(13) *É o homem é que faz ele violento, né?*

[PEUL – Censo 80, falante 22, f.]

(14) Apesar de a declaração de Ponte não se referir aos ataques mais recentes, a informação colhida por ela reforça a teoria de que *são os rebeldes é que usam gás sarin* para chocar a opinião pública mundial e joga-la contra o presidente sírio.
[Corpus do Português - <http://contrapontopig.blogspot.com/2013/09/12104-inspetora-da-onu-rebeldes-e-que.html>]

Os exemplos em (13) e (14) instanciam um padrão cuja frequência comparada com outras construções nos *corpora* é baixa e facilmente captável pelo padrão esquemático (SER) X (SER) QUE, em que as duas posições da cópula são formalmente preenchidas.

Outros aspectos da rede de construções clivadas poderiam ser debatidos neste trabalho, tais como a existência de níveis mais baixos na rede – o que pode ser evidenciado pela alta frequência do padrão *É QUE*, instanciado nas construções do tipo *SER QUE* e pela ausência de concordância modo temporal com o segundo verbo da construção – ou as diferenças estilísticas e contextuais que condicionam o uso de uma ou outra construção no discurso. Mas esses são aspectos que requerem maior aprofundamento na pesquisa, o que já vem sendo feito em projeto específico.

4. Considerações finais

Análises de fenômenos variáveis em português brasileiro, por uma perspectiva construcional, vêm sendo feitas nos últimos anos e, em alguma medida, também buscam incorporar ou discutir a proposta de aloconstrução de Capelle trazendo resultados interessantes para se pensar o tratamento da variação em Gramática de Construções (cf. MACHADO VIEIRA, 2016, e TRAVASSOS, 2019). Nesse sentido, este trabalho buscou contribuir para ampliar a base de pesquisas que lançam um olhar sobre a variação em perspectiva construcionista baseada no uso, fornecendo uma proposta embrionária de tratamento da variação na representação cognitiva do conhecimento linguístico subjacente.

Aqui discutimos como considerar a variação em Gramática de Construções Baseada no Uso e apresentamos, em linhas gerais, como uma perspectiva construcional aliando o conceito de aloconstrução (CAPELLE, 2006, 2009) ao modelo de exemplares (PIERREHUMBERT, 2001; BYBEE, 2006, 2010) pode abrir um espaço interessante para a pesquisa de fenômenos variáveis, a fim de acomodar a representação da variação em uma rede de construções. O trabalho analisou construções clivadas que compartilham propriedades formais, como a presença obrigatória da palavra QUE invariável e a marcação do elemento focal à esquerda da palavra QUE, como algumas distinções formais manifestadas sob os esquemas SER X QUE Y, X SER QUE Y e X QUE Y. Com base em dados empíricos extraídos da Amostra Censo 80, organizada pelo Programa de Estudos sobre o Uso da Língua e do Corpus do Português, associados aos resultados de pesquisas anteriores de Braga (2009), Braga et al. (2013) e Vieira et al. (2015), a possível intercambialidade entre as construções em pauta, em alguns contextos de uso, foi discutida, proporcionando um espaço para pensarmos a aplicabilidade da proposta de aloconstruções associada ao modelo de exemplares. Nessa concepção, as aloconstruções não seriam descartadas da representação do conhecimento linguístico subjacente, pelo contrário. Como estão mais associadas ao uso concreto que o falante faz da língua, contribuem para moldar a representação cognitiva do conhecimento que o falante tem de sua língua, incluindo-se aqui detalhes relacionados a modalidade, registro e demais aspectos importantes, condicionadores do uso de uma ou outra variante de uma variável na língua. Para a obtenção de resultados mais concretos, que deem conta de representar estatisticamente o grau de variação e gradiência a fim de embasar a representação esboçada neste trabalho, principalmente no que se refere ao uso das construções clivadas em pauta, uma pesquisa de ordem quantitativa e experimental vem sendo desenvolvida e será reportada oportunamente.

Referências

AARTS, B. *Syntactic Gradience*. Oxford: University Press. 2007.

BARLOW, M.; KEMMER, S. (eds.) *Usage Based Models of Language*. Stanford: CSLI Publications, 2000.

BERGS, A.; DIEWALD, G. Introduction: Constructions and Language Change. In: BERGS, A. & DIEWALD, G. (eds.) *Constructions and Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008, p. 1-17.

BRAGA, M. L. Construções clivadas no português do Brasil sob uma abordagem funcionalista. *Matraga*. V.16, p. 173-196, 2009.

_____; LEITE DE OLIVEIRA, D. BARBOSA, E. M. Gradiência e variação nas construções de foco no português brasileiro. *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Língua em uso* 47, p. 29-43, 2013.

BYBEE, Joan. Usage-based Theory and Exemplar Representations of Constructions. In:

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: University Press, 2013, p. 49-69.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: University Press, 2010.

BYBEE, Joan. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Language* 82(4). 711-733, 2006.

CAPPELLE, B. Can we factor out free choice? In: DUFTER, A.; FLEISCHER, J.; SEILER, G. (eds.) *Describing and Modeling Variation in Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009, p. 183-199.

CAPPELLE, B. Particle placement and the case for 'allostructions'. In SCHÖNEFELD, D. (ed.) *Constructions All Over: Case Studies and Theoretical Implications*, (Special volume of *Constructions* SV1-7/2006.) Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/31590515_Particle_placement_and_the_case_for_allostructions. Acesso em: 15/06/2019, às 19h16min.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Oxford: University Press, 2001.

DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. (eds.) *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2015.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In: DABROWSKA, E. & DIVJAK, D. (eds.) *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2015, p. 295-321.

DUFTER, A., FLEISCHER, J. & SEILER, G. (eds.) *Describing and Modeling Variation in Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009.

FIORIN, J. L. (org.) *Introdução à Linguística*. São Paulo: contexto, 2011.

FASOLD, R.; SCHIFFRIN, D. *Language change and variation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1989.

GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 1995.

- GOLDBERG, A. *Constructions. A construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A. *Constructions at Work. The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- HILPERT, M. *Construction Grammar and its Application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: University Press, 2013.
- JACOBSON, S. Some approaches to syntactic variation. In: FASOLD, R; SCHIFFRIN, D. *Language change and variation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1989, p. 381-394.
- JOHNSON, K. Speech perception without speaker normalization. In: JOHNSON, K.; MULLENIX, J. (eds.) *Talker Variability in Speech Processing*. San Diego. Academic Press, 1996.
- LAMBRECHT, K. A framework for the analysis of cleft constructions. *Linguistics* 39.3, p. 463-516, 2001.
- _____. When Subjects Behave Like Objects: An Analysis of The Merging Of S And O In Sentence focus Constructions Across Languages, *Studies In Language* 24:3, p. 611–682, 2000.
- _____. *Information structure and sentence form. A theory of topic, focus, and the mental representations of discourse referents*. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge Studies in Linguistics, vol. 71, 1994.
- _____. E POLINSKY, M. Typological variation in sentence-focus constructions, *Papers from the Regional Meetings of the Chicago Linguistic Society*, 33 (2), p. 189–206. 1998.
- MACHADO VIEIRA, M. S. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. *Revista Lingüística* Volume Especial, p. 152-170, 2016.
- PEREK, F. *Argument Structure in Usage-Based Construction Grammar. Experimental and corpus-based perspectives*. Amsterdam: John Benjamins, 2015.
- _____; GOLDBERG, A. Generalizing beyond the input: the functions of the constructions matter. *Journal of Memory and Language*, 84, p. 108-127, 2015.
- PETTER, M. M. T. Morfologia. In: FIORIN, J. L. (org.) *Introdução à Linguística*. São Paulo: contexto, 2011, p. 59-79.
- PIERREHUMBERT, J. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (eds.), *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001, p. 137-158.
- Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 21, n. 2 , p. 62-82, 2019.

PINHEIRO, D. O. R. *A inversão do sujeito no português brasileiro: uma abordagem cognitivista*. Tese (Doutorado em Linguística) do Programa de Pós-Graduação em Linguística, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

PRINCE, E. On the syntactic marking of presupposed open propositions. In Farley, A., Farley, P., and McCullough, K.-E., eds. *Papers from the Parasession on Pragmatics and Grammatical Theory*, 22nd Regional Meeting, Chicago Linguistic Society. 1986, p. 208-22.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Construction changes*. Great Britain: Oxford University Press, 2013.

TRAVASSOS, Pâmela Fagundes. *Variação e mudança construcional: um olhar funcional-cognitivo sobre usos de construções com verbo-suporte DAR*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2019.

VAN VALIN, R. A typology of the interaction of focus structure and syntax. In RACHILINA, E. V.; TESTELEK, J. G. (eds.), *Typology and linguistic theory from description to explanation: For the 60th birthday of Aleksandr E. Kibrik*. Moscow: Languages of Russian Culture, 1999, p. 511-524.

VAN VALIN, R.; LAPOLLA, R. *Syntax, Structure, Meaning, and Function*. Cambridge: Cambridge University Press. 1997.

VIEIRA, A. F. C; LEITE DE OLIVEIRA; D. HORA, K. F. P. N. A.; OLIVEIRA, S. S.; MASSON, S. P. Complexidade Cognitiva em Construções de Foco do PB – um experimento de priming. *ReVEL, edição especial* n. 10, p. 265-281, 2015.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. (eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 97-195.